

Um modelo brasileiro

J. COLOMBO DE SOUSA

A predominância do político ou do econômico na conduta dos acontecimentos e da história constitui velha, acirrada e insolúvel discussão. Os idealistas afirmam que as concepções políticas são fruto de conceitos intelectuais, filosóficos, embutidos no cérebro de cada indivíduo e disseminados na sociedade, formando a mentalidade e a vontade coletiva. Para os marxistas, o fato informador da conduta social é o econômico. Irreverdível e inarredável. E o processus econômico que conduz a sociedade e rege a história.

Em 1930, a Nação, cansada de uma tutela política incapaz e obsoleta, levantou-se num movimento profundo, generalizado e irresistível pedindo novos rumos. Só quem o presenciou pode calcular as dimensões de sua intensidade. Por toda parte, das maiores cidades aos povoados mais atrasados, dos palácios às casas dos operários e lavradores, mais humildes, dominava um sentimento de revolta e de esperança. Moços, velhos, estudantes, homens e mulheres, ricos e pobres, operários e patrões, todos formando uma grande avalanche.

Esse movimento amorfo, indisciplinado, sem ideias e sem estrutura político-doutrinária, uma verdadeira e imensa onda da vontade popular, levantada do oceano da insatisfação coletiva, foi cair nas mãos de um caudilho — Getúlio Vargas — que o dirigiu para a satisfação de seus apetites de mando a que dosou com uma ordenação econômica e progresso social.

A Revolução de 30 resolreu o problema da inquietante dívida externa, com a

negociação, por Osvaldo Aranha, de um fundingloan, pelo qual, cancelados muitos empréstimos onerosos e fraudulentos, implantou o progresso econômico, estabeleceu o desenvolvimento industrial, na base a Siderurgia de Volta Redonda. Tudo debaixo da tutela política, às vezes contestada mas sempre atuante.

Em 1964, verificou-se, no País, um amplo movimento de massas — as Marchas da Família — a que aderiram forças políticas poderosas e tradicionais (Carlos Lacerda, Magalhães Pinto, Adhemar de Barros etc.), envolvendo segmentos das Forças Armadas. Terminou pela deposição, sem luta e sem sangue, do governo Goulart.

Se convenientemente aproveitado e dirigido, poderia ter traçado novos rumos para a emancipação e grandeza do Brasil. O povo se movimenta e se manifesta, a elite o conduz.

Tão grande movimento político circunscreveu-se a aspectos administrativos de combate à inflação, à corrupção e à subversão.

Abandonou a arte de governar, rompeu, de logo, com todas as lideranças políticas, entregou-se à tecnocracia, abraçou a doutrina monetarista e pretendeu fazer política com partidos pré-fabricados que eram extintos com a mesma facilidade como eram criados.

A tecnocracia, cega de valores permanentes e de própositos para o futuro, aderiu a um sistema de imitar a vida, os objetivos e os métodos norte-americanos, dissociando-se dos ideais nacionais. American way of life?

O que era bom para os Estados Unidos era bom para o Brasil. Estivemos a pique de entrar na guerra do Vietnã e tomamos parte na intervenção de São Domingos.

No campo econômico e financeiro, a subordinação foi completa, geral e integral, gerando protestos, insatisfações e inquietações. Atingimos o cúmulo no caso da aquisição das concessionárias, dando 265 milhões de dólares por ferro velho que seria nosso, dentro de alguns meses, pela cláusula da reversão. A má condução econômica destruiu a vontade política.

A Nação levantou-se, num movimento impressionante das Diretas-Já, triunfante contra todos os obstáculos, esquemas legais, eleitorais e institucionais, os causulismos imaginados e montados pelo PDS para se perpetuar contra a vontade nacional. Foi implantada a Nova República. Esta, sem base política, sem partidos estruturados, continuou entregue à tecnocracia que apenas mudou de rumo, porque trocou de equipe.

Se antes o objetivo era o capitalismo selvagem dos Estados Unidos, agora é o socialismo utópico da Rússia Soviética.

Os Planos Cruzados (I, II e III) são expedientes de uma concepção estática da sociedade e da economia, querendo acorrentar no Cáucaso da pretensão e da incompetência aquilo que é profundamente variável e dinâmico.

É uma reedição da tentativa de implantação da fracassada Nova Economia Política (NEP) na Rússia e

14 MAI 1987
Economia
Brasileira

que custou o sacrifício de vinte milhões de pessoas e resultou na fome, na carência e até na diminuição da altura da população. Os sapatos e as roupas eram produzidos apenas em três tamanhos. Grandes estoques ficavam inaproveitados porque os pés e os corpos não coincidiam com o fixado no planejamento. A NEP fracassou porque não funcionou a Fábrica do Novo Homem, dissecada por Alia Rachmanova.

E incompreensível que no momento em que a Rússia, a China e outros países do socialismo integral abandonam a utopia de uma economia planificada e se tornam pragmáticas, adotando um capitalismo mitigado com base no lucro, na iniciativa privada e na administração descentralizada, ingressemos no planejamento vertical da NEP, como pretende o novo Ministro do Planejamento.

Dentro de uma tradicional economia de mercado, congelar preços e salários de bens e serviços, sem resolver os problemas fundamentais da produção — custos, transportes, investimentos, rentabilidade etc. —, é apertar uma mola, comprimir gases, para um disparo violento posterior.

E as consequências ai estão: a inflação incontrolável, agora engatilhada, a desorganização da economia, a descrença e a desorientação generalizadas.

Com a desordem econômica periclitava a estabilidade política. O grande e futuro Brasil não pode ser governado tendo em vista a vida e o sistema deste ou daquele país. Devemos buscar aquilo que é nosso e o que nos convém.